



## DOM CASMURRO E O TRABALHO IMATERIAL DE CAPITU

Mirna Spinelli de Oliveira

*Universidade Estadual da Paraíba*

[spinellioliveira@hotmail.com](mailto:spinellioliveira@hotmail.com)

**Resumo:** Inseridos em um contexto de debates sobre a reorganização produtiva, crise do *fordismo* e modificações técnicas e gerenciais no âmbito do trabalho, Negri e Lazzarato aprofundam o conhecimento de trabalho imaterial na sustentação dos novos paradigmas prolíficos. No romance Dom Casmurro, de Machado de Assis, Capitu engendra a construção linguageira mediante a prática do trabalho imaterial. Nesse preceito de trabalho imaterial, Capitu torna-se referência para a construção da mulher do século XIX e contemporânea, modificadora da sua condição inferior, em uma sociedade patriarcal, dispondo de atitudes diferenciadas para a época e ao ambiente que estava intermedida. Capitu se desfaz do discurso patriarcalista, para ser vista por sua capacidade de influenciar o círculo social que fazia parte e a todos que a cercavam. Neste artigo desenvolvemos uma reflexão sobre o trabalho imaterial desenvolvido por Capitu, posto que, a mesma além de quebrantar, sai da conjuntura de indivíduo que tem suas capacidades limitadas por questões impostas por uma sociedade predominantemente patriarcal, para se afirmar como condutora e transformadora do seu próprio caminhar.

**Palavras-chave:** Dom Casmurro, Capitu, Trabalho Imaterial, Linguagem.

### Introdução

Na literatura, a figura feminina tanto como personagem, quanto como escritora, foi invisibilizada por uma cultura patriarcal. A inferiorização da mulher não era algo superficial, encontrado apenas em discursos, mas em acontecimentos do cotidiano, tanto nos espaços familiares, quanto nos espaços públicos. A literatura do século XIX, realista e romântica, revela tais processos de inferiorização. O casamento ou a busca de, inclusive a sua impossibilidade, foi uma das marcas tanto do romantismo quanto do realismo. O modelo dúbio dos costumes morais, específico da sociedade patriarcal, possibilita ao homem, a liberdade das ações sociais, de diversas formas, bitolando as mulheres aos serviços domésticos e ao convívio apenas familiar. É neste período que Capitu, personagem machadiana de Dom Casmurro (1899) é uma figura paradigmática, na medida em que desconstrói, através de várias estratégias, sobretudo discursivas, o patriarcalismo e a inferiorização da mulher. Conforme declara Ria Lemaire;

A cultura masculina inicia um processo contínuo de crescimento, reforço e monopolização da cultura escrita, contrabalançado pela exclusão das mulheres desta cultura e pela progressiva marginalização, deformação e obliteração das tradições orais femininas (LEMAIRE, 1994, p.68).

A mulher historicamente sempre foi vista pelo olhar masculino, tendo assim, uma submissão enraizada no âmbito familiar e social, sendo as mesmas marginalizadas quando em algum momento agiam contra a forma patriarcal que suas vidas eram regidas, sendo considerada incapaz de galgar seus objetivos utilizando de sua inteligência, fazendo valer as suas vontades, já que questões sociais não faziam, parte do mundo feminino, muito menos realidades sociais, sendo exigido e dado a si, apenas a reponsabilidade da maternidade, o cuidar do marido e da casa.

Compreendemos que no século XIX, foi iniciado o processo de apropriação do espaço feminino no mundo, assim, timidamente, as mulheres começam a ter o direito de nortear seus caminhos, mediante suas vontades e desejos, ainda com grandes consequências quando suas vontades não eram condizentes com o desejo dos pais e a maneira que a sociedade determinada ser a forma correta da postura feminina, mas já era de alguma maneira, real a possível escolha.

Nosso objetivo neste artigo é demonstrar o enlace, “profético”, que a Capitu machadiana faz entre o trabalho imaterial, a produção de linguagem, de afeto e de subjetividade, com a crítica à invisibilização da mulher e a sua submissão ao patriarcalismo.

A ausência de estudos sobre a personagem machadiana Capitu na perspectiva de sua potência imaterial, intelectual e languageira, torna urgente pensar sobre sua produtividade imaterial, fundamento das sociedades capitalistas contemporâneas, a qual Capitu se antecipou; saindo do debate em torno da fidelidade/infidelidade ao casamento e ao esposo.

## **1. Trabalho imaterial hegemônico**

Os pobres e as minorias, de gênero, etnia e geração, são sempre tratadas pela literatura a partir do trabalho material, muscular, braçal. O cortiço (1890), de Aluísio de Azevedo, é sob este aspecto, emblemático. O trabalho material é caracterizado pela capacidade do indivíduo de produzir algo concreto e com rentabilidade, que proporcione ao mesmo tempo sua fonte de renda e na maioria das vezes de sua família.



Segundo Negri e Lazzarato, contudo, a produtividade contemporânea implica um novo tipo de trabalho, que envolve não só as faculdades musculares do operário, mas sua “alma”, sua produção discursiva, seus afetos, sua inteligência.

Com as transformações provenientes da revolução industrial tais processos ganham uma nova dimensão, o fordismo, que permite uma maior eficiência ao mesmo tempo em que retira do trabalhador a dimensão total do seu trabalho. Esta visão estática do trabalho foi sendo modificada, sobretudo na pós-modernidade, tanto dentro da teoria quanto na prática, e um novo modo de sobrevivência surgiu com uma importância maior dada à subjetividade do trabalho, o trabalho imaterial. Segundo Antônio Negri:

É a alma do operário que deve descer na oficina. É a sua personalidade, a sua subjetividade, que deve ser organizada e comandada. Qualidade e quantidade do trabalho são reorganizadas em torno de sua imaterialidade (NEGRI, 2001, p.15).

Ou, nas palavras de André Gorz,

Para subtrair uma parte de sua vida à aplicação integral no trabalho, os “trabalhadores do imaterial” dão às atividades lúdicas, esportivas, culturais e associativas, nas quais a produção de si é a própria finalidade, uma importância que enfim ultrapassa a do trabalho (GORZ, 2001, p.23).

Concretamente, não existem demarcações fixas que determine a distinção entre trabalho material e imaterial, sendo concomitante a existência de fragmentos do trabalho material no trabalho imaterial, da mesma forma que todo trabalho material necessita da atuação intelectual do trabalhador. Esse novo tipo de trabalho é aquele que não fabrica um produto sólido, mas tem como resultado um serviço, uma informação etc., desta forma o trabalho imaterial não pode ser determinado por unidades de medida.

Compreendemos como trabalho imaterial, o trabalho humano que é realizado, resultando em algo útil em um resultado útil, predominantemente imaterial, mesmo sendo necessário a intervenção de objetos materiais para que o trabalho imaterial seja realizado de com utilidade.



Sendo assim, o surgimento do capitalismo promoveu a ascensão da então nomenclatura “setor de serviços”, proporcionando setores de trabalhos que sua maior produção era resultado do trabalho imaterial: um serviço, uma informação, um bem cultural, dentre outros, sendo denominados bens intangíveis.

Assim, o conceito de ‘interface’, usado pelos sociólogos da comunicação, dá conta desta atividade do operário entre as diversas equipes, entre os níveis de hierarquia e entre a produção de bens “duráveis” e bens “linguareiros”.

A abordagem e a importância dada ao trabalho imaterial são relativamente recentes, podendo conduzir a enganos. O trabalho imaterial, sendo o motor da produção, não pode ser reduzido apenas aos serviços, mas ao uso da intelectualidade, da produção de subjetividade e de afetos do operário.

Ainda, segundo Negri e Lazzarato (2001), de um lado o trabalho imaterial evoca todas as forças da ciência e da natureza, bem como as condições coletivas e as relações sociais, com a finalidade de tornar a criação da riqueza (relativamente) independentemente do tempo de trabalho empregado nela.

A formação do trabalho imaterial que compõe independentemente o processo de subjetivação da mão de obra produtiva, estabelece sua relação com o capital, segundo André Gorz:

Era importante mostrar que esse trabalho imaterial, naquilo que tem de principal, não repousa sobre os conhecimentos desses prestadores e fornecedores. Antes de mais nada, ele repousa sobre as capacidades expressivas e cooperativas que não se pode ensinar, sobre uma vivacidade presente na utilização dos saberes e eu faz parte da cultura do cotidiano (GORZ,2001, p.19).

Este novo modelo de trabalho é baseado em indivíduos cada vez mais autônomos, trabalhando numa articulação complexa entre subjetividade e produção de riqueza, sendo determinados não por sua obediência cega ao capitalismo e, por extensão, à empresa, mas justamente pela potencialidade de quebrar as relações estreitas entre trabalho e corporeidade.

Os conceitos de trabalho imaterial e de “intelectualidade de massa” definem, portanto, não somente uma nova qualidade do trabalho e do prazer, mas também novas relações de



poder e, por consequência, novos processos de subjetivação.

Essas redefinições modificam não apenas as relações trabalhistas, porém da mesma forma as relações de poder sofrem essas redefinições que são de total importância para a emancipação do indivíduo intelectual que exerce a subjetividade e o trabalho imaterial. O trabalho que desnudou a forma de se obter trabalho e de praticá-lo, assim, apresentando o intelectual à sociedade como um sujeito produtivo e de poderio constituinte. Ou, nas palavras de Marx, citado por André Gorz,

O valor encontra hoje sua fonte de na inteligência e na imaginação. O saber do indivíduo conta mais que o tempo da máquina. O homem, carregando consigo seu próprio capital, carrega igualmente uma parte do capital da empresa (MARX citado por GORZ, 2006, p. 16).

O trabalho instantâneo e sequencial, que valorizava apenas da quantidade produzida, perde o lugar resolutivo do valor de produção, pois o tempo da produção imaterial, independente de quantidade, prioriza uma temporalidade que deixa de seguir os padrões preestabelecidos de forma retrógrada e escrava.

## **2. O século XIX e o reflexo feminino**

O Brasil existente do século XIX determinava as regras sociais e patriarcais para a mulher com base na diferença dos sexos. Diferença esta que perante a duplicidade dos sexos, proporcionava o privilégio absoluto ao homem.

Ao contemplar o passado, percebemos que a história das mulheres é definida pela sociedade e figura patriarcal. Durante a infância já começava sua educação voltada para serem filhas e esposas obedientes e subservientes ao pai e conseqüentemente ao esposo, aprendendo logo cedo a cozinhar, bordar, costurar, dentre outras atividades “apenas femininas”, sendo de toda maneira, impugnado o direito à educação escolar. Sempre tidas como figuras frágeis, assim, suscetíveis ao autoritarismo machista e patriarcal, na qual a mulher quando atingia a idade para construir o laço matrimonial, transferia esta dependência paterna ao esposo, assim, consignava toda sua vida adulta aos desejos e vontades do futuro marido.

O sistema patriarcal era estimulado e definido por grupos sociais que determinavam a educação e era dado a religião o poder de determinar o



comportamento aceitável para o século 19, sendo assim, a religião católica apostólica romana foi responsável pelas aplicações sociais que delimitaram os direitos e desejos das mulheres, concretizando esta submissão feminina, reduzindo-as ao recinto do lar e tornando propício a prática do poderio masculino:

O mundo sempre pertenceu aos machos. Já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher (BEAUVOIR, 2009, p. 99).

Contemplamos a personagem machadiana, Capitu, dentre as análises destacadas, assim, ratificamos a declaração de Ribeiro em relação a Capitu:

[...] O estereótipo de Capitu como mulher independente e altiva diante dos códigos sociais de sua época planifica a personagem a ponto de esperarem dela as atitudes que de fato toma. Capitu torna-se mais complexa, no entanto, se comparada a Bentinho e ao seu “alter ego” narrador, Dom Casmurro, transcende a figura da mulher moderna: passamos a torcer por ela, mesmo sem saber direito o que ela fez ou não [...] (RIBEIRO, s/d. p.57).

Percebemos que Capitu foi uma mulher, além do seu tempo. Na citação seguinte, observaremos que, desde a infância, Capitu já demonstrava seu empoderamento verbal:

[...] O esforço sentido de construir um perfil, este sim, sinuoso. Ela tem não só ideias atrevidas, aos 14 anos, tê-las-a, muito mais atrevida, mais tarde. E francamente, é genial a ideia que passa do atrevimento teórico e da habilidade prática. Os adjetivos hábil, sinuoso e surdo delineiam um estilo de atuação



minilista e de uma competência de profissional. A Capitu de mais tarde já está aí, em potencial e quase pronta [...] (RIBEIRO, 2008, p. 234).

Capitu, descrita por Ribeiro, como uma mulher audaz para o século XIX, e essa audácia, ganha extensões cada vez maiores com o passar dos anos e que a personagem machadiana vai se tornando mulher, assumindo seu papel de protagonista que representava a resistência e a mudança feminina da sua década. Desta forma corroborando para uma interpretação transgressora de padrões que a personagem produziu sobre si, mesmo com tantas acusações que a permeiam na obra.

Capitu é destemida, desdenhosa, perspicaz, sendo perceptível que a personagem é possuidora de uma personalidade destemida que possibilita o direito de se colocar diante das situações que lhe foram tiradas. Este temperamento transgressor, permitiu que Capitu, pudesse impor sua opinião sobre as coisas que a mulher do século XIX jamais conjecturou.

Esse modo de ser de Capitu permite que ela imponha sua opinião sobre as coisas e a torna uma mulher transgressora ao padrão social do século XIX, pois nesse período praticamente em todas as esferas sociais, a mulher tinha as suas possibilidades abrandadas, tanto que segundo Ingrid Stein na família —a mulher ocupava uma posição secundária, inferior à do homem. Ao lado da função procriadora, de assegurar herdeiros, a mulher de classe alta exercia a atividade de uma espécie de administradora das tarefas do lar. (1984, p.24).

### **3. O protagonismo do trabalho imaterial de Capitu**

O conceito tradicional de trabalho só vê produtividade no trabalho material, que produz bens duráveis e palpáveis. Capitu, na sua condição de mulher muito à frente do seu tempo, só é analisada a partir de sua relação com a sociedade patriarcal, ou seja, com o casamento e o marido, pensamento este que podemos corroborar com a análise das personagens femininas de Machado de Assis que encontravam no casamento a única possibilidade de mudança de seu status social. O próprio nome da personagem, Capitulina, que significa dissimular, demonstra o viés autoritário do narrador que vê na imagem feminina sempre a culpa pelos conflitos existentes, tratando da maneira que pode, pequenos traços da personagem como falta de caráter, reiterando a



negatividade preconceituosa contra a mulher que pensa, que reflete, que articula, que capitula.

Encarada positivamente, como se pretende aqui, “Capitulina” nos dá a dimensão da autenticidade da sua personalidade, que desde criança usou a sua capacidade de negociar, falar, conversar, dialogar com todos para diminuir as consequências autoritárias de um futuro condicionado por uma sociedade patriarcal, porém até que ponto a personagem se submeteu a esse sistema moral, participando dele de uma forma mascaradamente passiva, na medida que diretamente não detém o poder da palavra, mas ao contrário é falada, mas contrariando os sistema é ouvida. É através da linguagem que determinamos o poder, desta forma, Capitu sobressai o olhar de personagem vitimada, perpassando para o de detentora dos discursos que engendram a narrativa.

Capitu de forma clara representa o trabalho imaterial dentro da obra de Machado de Assis, demonstrando a força da personagem feminina, que mesmo vivendo em um século que a sociedade era predominantemente patriarcal, construiu uma identidade própria, estando à frente da sua época.

Sendo caracterizada pelo narrador como uma jovem capaz de defrontar naturalmente com situações adversas, assim, determinada como dissimulada, por esta capacidade, não sendo levada em consideração sua perspicácia e poder languageira.

Na representação física que o autor faz da personagem, começamos a vê-la como uma menina diferente das outras, que mesmo vivendo uma situação social subalterna a aristocracia vigente do século XIX, já exala força, determinação e altivez, mostrando todo o fascínio que iria provocar ao narrador personagem Bentinho, durante toda a obra, pairando em sua imaginação e subconsciente todo o segredo que aqueles olhos juvenis podiam concentrar.

— Dê cá, deixe escrever uma coisa. Capitu olhou para mim, mas de um modo que me fez lembrar a definição de José Dias, oblíquo e dissimulado; levantou o olhar, sem levantar os olhos. A voz, um tanto sumida, perguntou-me: — Diga-me uma coisa, mas fale verdade, não quero disfarce; há de responder com o coração na mão. — Que é? Diga. — Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, a quem é que escolhia? — Eu? Fez-me sinal que sim. — Eu escolhia...mas para que escolher? Mamãe não é capaz de me perguntar isso. — Pois sim, mas eu pergunto. Suponha você que está no seminário e recebe a notícia de que eu vou morrer...



— Não diga isso! —...ou que me mato de saudades, se você não vier logo, e sua mãe não quiser que você venha, diga-me, você vem? — Venho. — Contra a ordem de sua mãe? — Contra a ordem de mamãe. — Você deixa seminário, deixa sua mãe, deixa tudo, para me ver morrer? — Não fale em morrer, Capitu! Capitu teve um risinho descorado e incrédulo, e com a taquara escreveu uma palavra no chão, inclinei-me e li: mentiroso (ASSIS, 2008, p.36).

A partir da leitura deste trecho, a famosa descrição dos olhos e do olhar de Capitu, também transparece o conceito do autor sobre o caráter da personagem, deixando de exaltar a capacidade da personagem de criar situações em que fazendo uso apenas da linguagem verbal, molda a cena, influenciando diretamente os pensamentos e ações do narrador personagem, colocando a personagem Capitu com sua linguagem própria, como a única centralizadora dos desejos e vontades de todos os personagens, desconstruindo o sistema opressivo e patriarcal que era o da linguagem. Partindo ainda desta observação, pontuamos que os ambientes onde seus diálogos são construídos, propiciam uma condição favorável, mediante que os mesmos são espaços neutros, livres de qualquer julgamento.

O narrador sempre nos apresenta uma personagem determinada e determinada a pugnar por seus objetivos, afinal, enxergava em Betinho não apenas um amigo de infância, mas seu futuro cônjuge. Mediante a notícia que Bentinho partiria para o seminário, somos apresentados pelo narrador, a uma personagem com grande capacidade de produzir, fora dos limites a ela instituídos, assim, gerando condições para que seu amado não fosse para o seminário. Capitu, recebe a notícia da ida de Bentinho para o seminário com muita revolta:

Capitu não parecia crer nem descreer, não parecia se quer ouvir; era uma figura de pau. Quis chamá-la, sacudi-la, mas faltou-me ânimo. Essa criatura que brincara comigo, que pulara, dançara, creio até que dormira comigo, deixava-me agora com os braços atados e medrosos. Enfim, tornou a si, mas tinha a cara lívida e rompeu nestas palavras furiosas; -Beata! Carola! Papa missas! [...] Fiquei aturdido. Capitu gostava tanto de minha mãe e minha mãe dela que eu não podia entender tamanha explosão. [...] Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou continuou a chamar-lhe



beata e carola, em voz tão alta que tive medo fosse ouvida dos pais. Nunca a vi tão irritada como então; parecia disposta a dizer tudo a todos. Cerrava os dentes, abanava a cabeça... (ASSIS, 2004, p. 34-35).

Mesmo acometida de revolta, características de uma adolescente, Capitu, tenta de todas as formas manter-se com seriedade, assim, tento o controle da situação, praticando sua capacidade de usar a linguagem, como meio modificador. Desta forma, a personagem inicia a execução do plano, que viria a impedir que Bentinho fosse para o convento. O narrador sempre faz alusão a características pejorativas ao comportamento de Capitu:

Como vês, Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, (...), mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. [...] - Posso confessar? - Pois, sim, mas seria aparecer francamente, e o melhor é outra coisa. José Dias... - Que tem José Dias? - Pode ser um bom empenho. - Mas se foi ele mesmo que falou... - Não importa, continuou Capitu; dirá agora outra coisa. Ele gosta muito de você. Não lhe fale acanhado. Tudo é que você não tenha medo, mostre que há de vir a ser dono da casa, mostre que quer e que pode... - Não acho, não, Capitu. - Então vá para o seminário. - Isso não. - Mas que se perde em experimentar? Experimentemos; faça o que lhe digo (ASSIS, 2004, p. 37-38 grifo nosso).

Capitu não era uma mulher que se conformava com o destino que lhe aguardava, como era determinado as mulheres do século XIX. Através do seu linguajar, modificou esse futuro, se desvencilhando da submissão sendo forte e determinada.

A figura que poderia problematizar os desejos de Capitu era a mãe do protagonista narrador, mas a personagem de forma imaterial, por meio da sua capacidade de influenciar através da linguagem, primeiramente com a linguagem religiosa, participando efetivamente da vida sacramental da mãe de Bentinho, em nenhum momento proferindo comentário contrário sobre o desejo de Dona Glória em ter o filho padre. Retirando do olhar feminino a visão romântica do amor e reiterando sua capacidade de



produção de linguagem dominante, mesmo fazendo parte da repressão ou segregação patriarcal

Devemos também ressaltar que não pode haver crítica fora da estrutura social dominante, sendo o discurso de Capitu um discurso em determinado momento de duas vozes, personificando as heranças socioculturais e literárias, proveniente tanto do silenciado quanto do dominante.

Compreendemos na linguagem da personagem analisada a especificidade da sua construção do trabalho imaterial, para a mesma ser resistente em seu ambiente social, tentando de forma subjetiva não ser um subproduto transitório de uma sociedade sexista e patriarcalista.

Produzindo de forma imaterial, comprovamos que Capitu como sujeito social, posterga os limites impostos pela sociedade vigente, fazendo que suas vontades, desejos e opinião sejam ouvidos e tenham valor, mediante aqueles que permeiam sua vida, mesmo estando em uma condição inferiorizada se fez ouvida.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAS:**

Entendemos Capitu como uma personagem paradigmática: simboliza o empoderamento feminino, em uma sociedade determinadamente, patriarcal e conservadora. Como tantas outras mulheres que fizeram parte de seu tempo, não teve como determinação para sua vida, a subordinação social.

Fez uso da sua capacidade languageira, para se colocar nos locais que achava que deveria ter poderio, assim, explicitando sua prática do trabalho imaterial, a forma que a personagem encontrou para não colocar sua dignidade em situações indignas, sendo seu trabalho imaterial, responsável não por bens materiais, mas na sua forma de usar sua linguagem como produto transformador da sua relação de poder com a sociedade que estava inserida. Assim sendo, Capitu não é só transgressora, porém deve ser vista como uma personagem personificação de designação, afinal, seu trabalho imaterial, refletido em sua linguagem, nos convida para repensar, as questões sociais que as mulheres da sua época eram acometidas. Capitu nos proporciona inquietação, como diz Meyer observa, —Bentinho é quando muito uma boa peça nas mãos de um bom jogador” (MEYER, 1986, p. 222), jogador este, Capitu, que em nenhum momento, permitiu ser subjugada e dominada.



## 5. Referências

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. S.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

FERNANDES, Paulo Sérgio, *et al.* Análise sobre as personagens femininas das obras machadianas. **Revista Científica do Unisaesiano** – Lins – SP, ano 2, n.5, Edição Especial, outubro 2011. p. 461-465.

JESUS, Selmira Silva de, *et al.* Submissão x autonomia: mulheres machadianas – vozes embargadas? Nem tanto. **Anais do III SEPEXLE 2012 - Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras**. Universidade Estadual de Santa Cruz – Bahia.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sergio Milliet. 2.Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho Imaterial: Formas de Vida e Produção de subjetividade**. Tradução Mônica Jesus. 3.Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MEYER, Augusto. **Capitu In: Textos Críticos**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

GORZ, Andre. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. Tradução de Celso Azzan Júnior. São Paulo: Annablume, 2005.

LEMAIRE, Ria. **Repensando a história literária**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 58-70.

RIBEIRO, Luis Felipe. **Mulheres de Papel**. Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. 2.Ed. Rio de Janeiro: Florence Universitário: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

RIBEIRO, Igor. **Revista Discutindo Literatura Especial**. Editora Escala n° 01, s/d.